

HABITAR-SE: A INVESTIGAÇÃO NARRATIVA EM AFORISMOS

¹ **Inês Assunção de Castro Teixeira**

² **Karla Cunha Pádua**

Como citar este artículo:

De Castro Teixeira, I. A. & Cunha Pádua, K. (2021). Habitar-se: a investigação narrativa em aforismos. *Rutas de formación: prácticas y experiencias*, 12, 77-81. <https://doi.org/10.23850/24631388.n12.2021.3810>

Fecha de recepción: 3 de noviembre de 2020 / Fecha de aprobación: 5 de diciembre de 2020

Resumo

Por meio de aforismos, trazemos questões fundamentais para trabalhar as narrativas, seja na pesquisa ou na formação. A pesquisa biográfico-narrativa se apresenta como uma ferramenta de análise dos processos sociais, a partir da vida dos sujeitos. Com esse fio condutor, outros temas surgem, como a reflexão epistemológica sobre a própria obra, os sujeitos como historicamente situados, a importância da escuta sensível, metáforas, imagens e contextos que se perdem de vista. Sem querer exaurir as possibilidades ou banalizar os aforismos, concluímos que o social habita em cada um e que cada um habita o social, e que a nossa vigília é sustentada pelo mundo que as pessoas habitam e pelo mundo que as habita.

Palavras chave: pesquisa narrativa; pesquisa educacional; formação de professores; aforismos

Habitarse: la investigación narrativa en aforismos

Resumen

A través de aforismos, traemos preguntas fundamentales para trabajar con narrativas, ya sea en la investigación o en la formación. La investigación biográfico-narrativa se presenta como una herramienta para analizar los procesos sociales, a partir de la vida de los sujetos. Con este hilo conductor, se plantean otros temas, como la reflexión epistemológica sobre la obra en sí, los sujetos como históricamente situados, la importancia de la escucha sensible, metáforas, imágenes y contextos que se pierden de vista. Sin querer agotar las posibilidades ni banalizar

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Educação pela UFMG, brasileira, M.625.746, inestei@uol.com.br

² Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutora em Educação pela UFMG, brasileira, MG 5.988.014, karla.padua@ufmg.br

los aforismos, concluimos que lo social habita en todos y cada uno habita lo social y que nuestra vigilia se sostiene por el mundo que habitan las personas y el mundo que las habita.

Palabras claves: investigación narrativa; investigación educativa; educación del profesorado; aforismos

Inhabiting: narrative research in aphorisms

Abstract

Through aphorisms, we expose fundamental questions to work with narratives, whether in research or education. Biographical-narrative research is presented as a tool to analyze social processes, starting from the lives of the subjects. With this common thread, other issues arise, such as the epistemological reflection on the work itself, the subjects as historically situated, the importance of sensitive listening, metaphors, images and contexts that are commonly lost from sight. Without wanting to exhaust the possibilities or trivialize the aphorisms, we conclude that the social inhabits each person, and that everyone inhabits the social, and that our vigil is sustained by the world that people inhabit and the world that inhabits them.

Key-words: narrative research; educational research; teacher education; aphorisms

Como contadora de histórias reais, a pergunta que me move é como cada um inventa uma vida. Como cada um cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco. Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa. Como cada um habita-se.

Eliane Brum

Diante da tela em branco pensamos: o que dizer para este Dossiê *Narrativas pedagógicas, investigación educativa y formación docente*, que possa alargar a discussão sobre as narrativas na investigação educativa e na formação docente? Como escrever *palavras de fonte*, de que nos fala o poeta Manoel de Barros (2006)? Entre tais inquietações surgiu a ideia de centrar a discussão em abordagens e princípios para trabalhos com narrativas, buscando as experiências e histórias singulares, na perspectiva da Sociologia do Indivíduo, sob o olhar de Danilo Martuccelli, intelectual peruano. Sempre na direção de uma epistemologia da prática sociológica, como possibilidade de superar uma sociologia espontânea, nos termos de Bourdieu (1997), desenvolvendo a imaginação sociológica, conforme W. Mills (1972).

Nesta procura, emerge, também, a ideia de formular alguns aforismos, pequenos/grandes dizeres assertivos, tecendo formas outras de pensar e escrever, evitando as limitações das modalidades hegemônicas, como proposto neste Dossiê. Em um estilo mais ensaístico, trazemos lampejos do pensamento à procura dos sujeitos, de seus lugares, de seus viveres e fazeres no mundo, de que são criaturas e criadores. À procura dos mundos de experiências e histórias que os habitam.

Aforismos: luminosidades do pensamento

O trabalho com narrativa começa na reflexão mesma sobre esse trabalho, seu sentido, seu lugar. Em qualquer trabalho de pesquisa, em qualquer projeto com narrativas pedagógicas, com formação de professores/as e de investigação narrativa, a questão primeira é do sentido do que se faz. Em um mundo de disputas entre projetos de mundo, é necessário perguntar: a favor de quê e contra o quê é preciso formar, investigar, conhecer, escrever e falar? Essa indagação, da ordem de uma epistemologia política, traz à cena as condições de produção do conhecimento enquanto operação intelectual sociologicamente situada. Essa pergunta nos

convoca e nos reporta à sociologia do conhecimento e à discussão da ética na pesquisa.

A narrativa é uma obra de sujeitos, historicamente situados. Os sujeitos são sociologicamente “produzidos” e se produzem no trabalho sobre si mesmos. Se a narrativa é obra de sujeitos historicamente situados, a narrativa tem cor, a narrativa tem classe, têm gênero, tem temporalidades e espacialidades, territórios nos quais se fala, se narra, se relata. Territórios que o sociólogo deve descortinar. A narrativa tem territórios geopolíticos, tem historicidades e processos culturais que a constituem, que nela estão explícita ou veladamente, que é preciso considerar, desvelar, compreender e historicizar.

A narrativa não é a coisa em si. Conforme Benjamin (1996, p. 74), a narrativa “não pretende transmitir o puro ‘em si’ da coisa, como informação ou um relatório”. Ela “mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extraí-la outra vez dela. É assim que adere à narrativa a marca de quem narra, como à tigela de barro a marca das mãos do oleiro”. De igual forma, o trabalho do/a pesquisador/a com narrativas, semelhante ao do oleiro, deve mergulhar o que foi narrado na teorização, na condição histórica e social, como marcas de suas mãos, de seu pensamento, no exercício da imaginação sociológica a que Wright Mills (1972) nos convoca.

A narrativa desperta o vivido e a intensidade imaginativa de quem narra. Nesta direção, “a narrativa reabre o tempo histórico anunciando possibilidades perdidas, criando espaços de liberdade para gerar interpretações novas e para transformar o narrado em experiências subjetivas”, conforme Olgária Matos (2001, p. 57). Cabe a quem estuda, trazer às biografias, às experiências e às histórias narradas e suas interpretações, a compreensão sociológica, um entendimento sócio-histórico propriamente dito, que exigirá um esforço de teorização e de problematização do que foi narrado, construindo-se uma narrativa outra. Elaborada teórica e analiticamente, tarefa para a qual será necessário repertório intelectual, teórico e cultural. Não se trata de apenas repetir ou apresentar o que foi narrado.

O trabalho com narrativa é da ordem da delicadeza, porque é escuta sensível, é olhar atento, é exercício de alteridade. O labor com narrativas é uma forma de “partilha do sensível”, a que Rancière (2009) se refere. O trabalho com narrativas é da ordem da escuta, e não da

audição. É da ordem da interpretação e não da certeza. É da ordem do encontro socioantropológico, do exercício da alteridade. Não se trata de mensuração e nem de chegar a uma verdade.

A narrativa contém metáforas, imagens, emoções, afetações, pensamento, gesto, palavras e sons. Neste sentido a narrativa contém elementos e está presente na fotografia, no desenho, na pintura, na escultura, na literatura, no cinema, na música. A narrativa é feita de imagens que as artes corporificam e revelam. A narrativa se apresenta das mais diferentes formas. A narrativa está nas palavras e nas mais variadas formas da enunciação e de expressividade. A narrativa está em todas as artes e em todas as partes, saberes, cores e sabores com as quais o trabalho com narrativa deve dialogar, os quais deve incorporar.

A Sociologia do Indivíduo é como um projeto intelectual que busca interpretar e interrogar as dinâmicas histórico sociais, entendendo-as a partir da experiência e história singular do indivíduo. Por essas trilhas este projeto se encontra com as narrativas. Por esta, entre outras razões, as narrativas educativas e projetos de formação devem estar atentos à vida ordinária dos indivíduos, à sua existência, aos seus desafios, a seus dilemas, às suas alegrias e dores, aos seus medos e sonhos e aos sentidos que eles atribuem às suas condutas, a forma como os interpretam. Sempre entendendo-os no social, a partir do social, como o social. Como historicidade. A Sociologia do Indivíduo busca alcançar o indivíduo em sua singularidade, sem dissociá-lo de seu envolvimento e de suas interdependências. Sempre localizando-o, sempre observando-o na condição histórica que o circunscreve.

Antes de ser uma abordagem com teorias e métodos, a Sociologia do Indivíduo é uma sensibilidade intelectual e existencial, que parte do indivíduo para o social, que observa a singularidade no social, entendendo que indivíduo e sociedade se constituem mutuamente. Neste sentido, esta abordagem se interessa pelo trabalho do indivíduo sobre si mesmo, agregando elementos ao trabalho dos indivíduos na sociedade e da sociedade sobre os indivíduos. Esse novo rumo e sensibilidade se impõem nos dias atuais. É imperativo, nas palavras de Martuccelli (2019), produzir uma sociologia capaz de propor uma inteligibilidade dos fenômenos sociais na escala dos indivíduos. Daí privilegiar, entre as diversas gramáticas do indivíduo, o estudo do indivíduo

estruturalmente fabricado em determinado período histórico, ou seja, do seu processo de individuação. Por ser assim, por se converter ao indivíduo no social, a sociologia do indivíduo é uma sociologia feliz ou uma sociologia contente, na expressão do cientista social peruano.

Na prática sociológica com narrativas, é preciso dar a ver e compreender mais do que foi dito ou indicado. Para o trabalho com narrativa podem ser úteis, por exemplo, elementos da linguagem cinematográfica: tanto nos interessa ao que está no campo, na tela, no fotograma, o que os sujeitos e os cineastas nos dão a ver o que os sujeitos nos falam, quanto o que está no contracampo: o que o cineasta não colocou na tela. No trabalho com narrativa, o que o sujeito não disse ou mesmo, o que não se lembra ou prefere não falar, tanto quanto pequenos detalhes devem ser considerados. O social que o sociólogo deve buscar, deve descortinar, buscando compreender o social que neles habitam – sujeitos em formação ou no encontro da investigação. Se para os cineastas algo pode ser deixado fora da tela, o contracampo, diferentemente disso, para o sociólogo o que está fora do campo imediato de visão dos sujeitos ou de quem os ouvem, é tão importante quanto o que foi dito na textura da narrativa. Daí a importância de reconstruir o cenário onde os personagens vivem suas histórias, o contexto social e cultural, uma construção complexa para o investigador narrativo, porque requer buscas ativas, porque está “fora de vista”, como ressaltaram Connelly y Clandinin (1995).

A vigília

Por certo que poderíamos criar outros aforismos, mas não se trata de esgotá-los, nem de banalizá-los em uma longa lista. A opção foi apresentar alguns pressupostos a considerar nos trabalhos com narrativas, a partir de inquietações, dilemas, questões, experiências e responsabilidades que assumimos no cultivo das narrativas de formação de educadores e de pesquisa, tentando melhor escavá-las. Buscando historicizar a história do outro, de si mesmo e o próprio encontro intersubjetivo dos que se encontram, se vêem e se enlaçam entre narrativas. Procurando o singular no social e o social no singular, desfazendo antinomias como subjetividade e objetividade, indivíduo e sociedade, macro e micro e outras mais, como proposto por Martuccelli (2007).

Retomando Eliane Brum, se de um lado é necessário conhecer “como cada um se inventa e cria sentidos para os seus dias, como cada um habita-se”, entendemos que é preciso mais do que isso. Nossa responsabilidade é mais ampla. E ousada. No trabalho com narrativas, outras inquietações e sentidos também nos movem: é preciso compreender como o social habita cada um e como cada um habita o social, na invenção de nossas vidas individuais e coletivas e do mundo.

Para tanto, é preciso estar em estado de vigília, seja “pelas pessoas que abriram a porta para me receber e se contar, é pelo respeito que tenho pela minha própria vida, que se expressa na narrativa da vida de um outro”, como Eliane Brum (2017, p. 15) observa, seja a vigília pelo mundo que as pessoas habitam e pelo mundo que nelas está. É preciso se abrir para outros mundos possíveis, necessários, urgentes. Para que possa um dia ser um mundo e uma história melhor para todos, um mundo de *buen vivir*, como aprendemos com os indígenas andinos.

Referências

Barros, M. (2006). *Memórias inventadas (a segunda infância)*. Planeta do Brasil.

Benjamin, W. (1996). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. En *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. Brasiliense.

Bourdieu, P. (1997). Compreender. En *A miséria do mundo*. Vozes.

Brum, E. (2017). *Meus desacontecimentos: A história da minha vida com as palavras*. 2. ed. Arquipélago Editorial.

Connelly, F. M. y Clandinin, D. J. (1995). Relatos de experiência e investigação narrativa. En Larrosa, J. et al. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Laertes.

Martuccelli, D. (2007). *Gramáticas del individuo*. Losada.

Martuccelli, D. (2019). *Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo*. LOM Editores.

Matos, O. (2001). A narrativa: metáfora e liberdade. *História Oral, Revista da Associação Brasileira de História Oral*, 4, 9- 24.

Mills, C. W. (1972). *A imaginação sociológica*. Zahar.

Rancière, J. (2009). *A partilha do sensível: Estética e Política*. 2.ed. Editora 34.